

Páginas da arquitetura moderna brasileira em revistas especializadas

- Fernando Luiz Lara. **Reflexos: arquitetura Brasileira lá fora**
- Clara Luiza Miranda. **A circulação das teorias artísticas nas revistas brasileiras de arquitetura nos anos 1950**
- Márcio Correia Campos. **Niemeyer em Berlim: idas e vindas de um edifício habitacional**
- Silvana Rubino. **Habitat: debatendo a arquitetura e outros temas**
- Maria de Fátima de Mello Barreto Campello. **A casa como hábitat: a utopia moderna do morar nas páginas de uma revista brasileira**
- Nelci Tinem. **As revistas de arquitetura como documentos pré-canônicos**
- Maria Marta dos Santos Camisassa. **Gregori Warchavchik e a introdução à arquitetura moderna nos periódicos brasileiros**
- Maria Beatriz Camargo Cappello. **Arquitetura Moderna no Brasil e sua recepção nas revistas francesas, inglesas e italianas (1945-1960).**

As revistas de arquitetura como documentos pré-canônicos

Nelci Tinem – PPGAU/UFPB

Resumo

Se como revela a pesquisa do Prof. Fernando Lara a disseminação popular da arquitetura moderna não se deu por meio de revistas, a difusão entre os arquitetos do ideário moderno, por sua vez, teve nos periódicos de arquitetura um veículo importante de difusão e consolidação do Movimento Moderno. Entre 1945 e 1955 (após o final da II Guerra e antes do concurso para o Plano Piloto de Brasília), as revistas internacionais comprometidas com a divulgação da arquitetura moderna encontraram na produção de países como Brasil (ou Finlândia e Japão) a possibilidade de sobrevivência do movimento moderno. Cada uma dessas revistas, conforme a discussão específica que vivia no momento, concentrou suas matérias em temas também específicos. *Architectural Review*, por exemplo, focava a habilidade da arquitetura brasileira em fazer conviver lado a lado o antigo e o novo. Ou seja, estava interessado em como o Brasil resolvia a questão que se colocava para os arquitetos ingleses naquele momento “*O moderno é tão brasileiro como o antigo. Juntos ou separados, são inovadores e inusitados para a maioria dos ingleses*” (Sitwell, 1944). *L’Architecture d’Aujourd’hui*, por sua vez, centrava sua atenção em temas não resolvidos pelos arquitetos franceses: sua admiração pela *autoridade* brasileira, que havia permitido a disseminação dessa arquitetura, e pela audácia desses países jovens “*sem medo de inovar, que preferem correr riscos a seguir o caminho fácil da rotina*” (André Bloc, 1952). Baseados na meta comum de garantir uma sobrevivência ao projeto moderno e nos objetivos específicos de cada uma das muitas revistas que circulavam na época consolidou-se boa parte dos ingredientes que constituem a versão hegemônica da arquitetura moderna brasileira de renome internacional. O conteúdo dessas revistas, como elementos pré-canônicos, vão gerar muitas outras versões dessa mesma história, mas será sempre um importante suporte documental do patrimônio moderno.

Palavras-chave: arquitetura moderna, historiografia, periódicos.

Architectural magazines as pre-canonical documents

Nelci Tinem – PPGAU/UFPB

Abstract

Although researches carried out by professor Fernando Lara point that the popular spread of modern architecture was not due to architectural magazines, these same periodicals were important means of diffusion and consolidation of Modern Movement among architects. Between 1945 e 1955 (after World War II and before Brasília's masterplan contest), international magazines that publicized modern architecture found a way for modern movement's survival in the achievements of countries such as Brazil (or Finland or Japan). Each of these magazines chose specific themes for their articles, according to the discussion they came across at the time. For instance, *Architectural Review* focused on Brazilian Architecture's ability to make New and Old coexist, side by side. This means they were interested in how Brazil dealt with an issue that British architects faced at that time: "Modern is so Brazilian as the ancient. Together or separate, they are innovative and unusual for most of the British" (Sitwell, 1944). *L'Architecture d'Aujourd'hui*, on its turn, called attention to a problem French architects couldn't solve (their admiration for Brazilian "authority", which made the spread of that architecture possible) and to the boldness of those young countries "fearless of innovation, that preferred risking instead of following the easy path of routine" (André Bloc, 1952). This way, an important part of the ideas that form the hegemonical narrative on Brazilian internationally renowned architecture were based on a common goal of guaranteeing the survival of modern project and also on specific interests of each magazine. The content of those periodicals (a set of pre-canonical documents) will support many other versions of the same story, and, at the same time, will always be an important document of modern heritage.

Keywords: modern architecture, historiography, architectural periodicals.

Se, como revela a pesquisa do Prof. Fernando Lara (2010), a disseminação popular da arquitetura moderna, após a construção de Brasília, não se deu por meio de revistas, a difusão, entre os arquitetos, do ideário moderno, por sua vez, teve nos periódicos de arquitetura um veículo importante de difusão e consolidação do Movimento Moderno. Entre 1945 e 1955 (após o final da II Guerra e antes do concurso para o Plano Piloto de Brasília), as revistas internacionais comprometidas com a divulgação da arquitetura moderna encontraram na produção de países como Brasil (ou Finlândia e Japão) a possibilidade de sobrevivência do movimento moderno. Cada uma dessas revistas, conforme a discussão específica que vivia no momento, concentrou suas matérias em temas também específicos.

Essas revistas de arquitetura de difusão internacional publicadas nos anos quarenta e cinquenta do século XX oferecem uma mostra bastante ampla, diversificada e matizada da arquitetura brasileira, apesar da ênfase na produção oficial e, conseqüentemente, carioca. São documentos de época, anteriores à eleição de obras paradigmáticas, ainda não condicionados por uma trama hegemônica e marcados pelas questões específicas nas quais estavam envolvidos os articulistas ou investigadores que ocupavam diferentes territórios geográficos, políticos e culturais. Por isso, oferecem um material rico em informações e alguma reflexão, que embora não muito profunda, apresentava o frescor das observações sem julgamentos prévios.

Essa difusão, como não poderia deixar de ser, vem determinada pelos temas em voga e pelos objetivos específicos de cada revista nesse momento. As de maior amplitude estavam, quase todas elas, vinculadas ao CIAM em seu objetivo de ampliação do movimento, estendendo-o por toda parte e, principalmente, buscando revelar as produções dos *países longínquos* ou *da periferia da civilização*. O Brasil era um desses países que, além de adotar oficialmente a arquitetura moderna, produzia um volume considerável de exemplares, com uma interpretação particular que, embora polêmica, oferecia possibilidades de expansão e renovação do movimento.

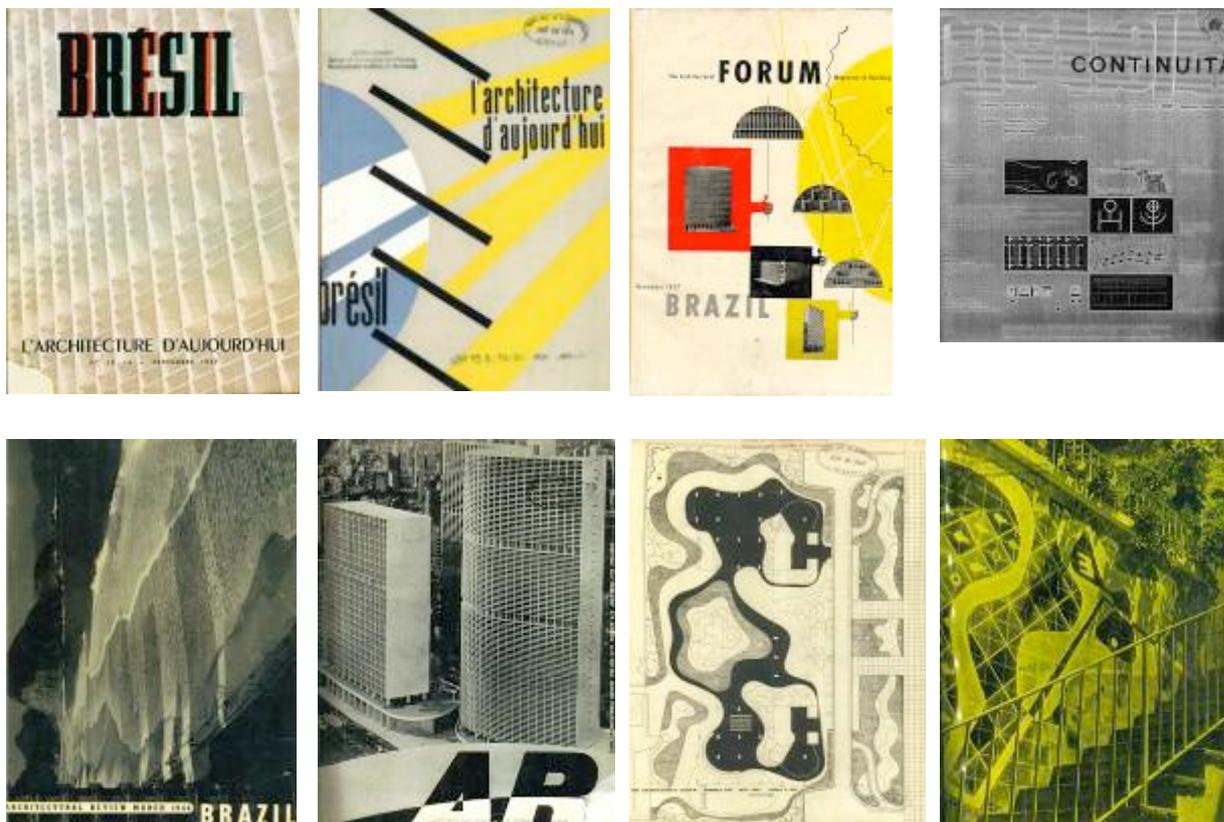


Figura 01 – Capas das revistas especializadas em arquitetura sobre Brasil: L'Architecture d'Aujourd'hui 13/14 de setembro de 1947 e 42/43 de agosto de 1952, Architectural Forum nº 11 de novembro de 1947, Casabella 200 de fevereiro de 1954 e Architectural Review 567 de março de 1944, 679 de julho de 1953, 605 de maio de 1953, 677 de maio de 1953.

No entanto, havia objetivos específicos. A *Review*, por exemplo, encontrava no vínculo com a tradição, enunciado por Costa e reafirmado com Goodwin e Mindlin, a coincidência com seus objetivos. *L'Architecture d'Aujourd'hui* contrapunha a audácia dos jovens arquitetos modernos e das encomendas dos políticos e empresários brasileiros à *timidez* da *autoridade* francesa. *Casabella* servia-se do Brasil para se centrar no debate do formalismo, preocupação última dos arquitetos italianos. A *Forum* dava ênfase à questão do desenvolvimento dos mecanismos de controle solar e lumínico, conforme a tônica da revista.

Não há, todavia, uma intenção forte e declarada de afirmar uma trama histórica, embora esses documentos tenham sido importantes em sua construção ou na construção de algumas delas. Ou seja, as revistas, embora não se propusessem a escrever uma história, por sua repercussão confirmariam uma imagem dessa produção e

serviriam de fonte tanto aos ensaios monográficos iniciais como aos manuais que canonizam a participação do Brasil na história da arquitetura moderna. As questões mais polêmicas sobre a arquitetura moderna brasileira de meados do século saem dessas revistas, assim como os arquitetos/obras/imagens e qualidades/defeitos que caracterizariam essa produção.

A convivência com a tradição, a influência francesa, o vínculo com o lugar, o formalismo, a autoridade e a ausência de planificação são questões que alimentarão as versões historiográficas surgidas posteriormente e que serão consagradas pelos manuais de arquitetura moderna.

A autoridade, uma arquitetura audaciosa e a influência francesa.

L'Architecture d'Aujourd'hui centrava sua atenção em temas não resolvidos pelos arquitetos franceses: sua admiração pela *autoridade* brasileira, que havia permitido a disseminação dessa arquitetura, e conseqüentemente, um movimento renovador sustentado pela audácia dos jovens arquitetos brasileiros “*sem medo de inovar, que preferem correr riscos a seguir o caminho fácil da rotina*” (André Bloc, 1952).

Manifesta certo ceticismo em relação aos destinos da arquitetura moderna na França, onde reina uma atitude passiva e perigosa de admiração ao passado, que é fortemente combatida por *L'Architecture d'Aujourd'hui*. Em uma visão bastante amarga da Europa pós II Guerra Mundial, afirma que entre as conseqüências dessa calamidade está a aniquilação das pesquisas e o abandono das iniciativas criadoras, que provocou um retorno e a supervalorização dos *estilos* artísticos do passado. E com a autoridade que lhe proporciona a direção da revista Bloc afirma que em contraponto a essa Europa abatida, a construção do edifício do Ministério da Educação é motivo de júbilo:

“Durante esse tempo, e sem que nos déssemos conta na Europa, surgiam além do Atlântico realizações substanciais. A passagem de Le Corbusier pelo Rio de Janeiro e a admirável compreensão das personalidades brasileiras provocaram nesse país onde não se supunha tal evolução uma emulação das maiores surpresas no domínio da arquitetura e da arte. (...) Hoje o Brasil é considerado de certa maneira em todo o mundo como a terra de eleição da arquitetura contemporânea, a mais nova e a mais audaz” (BLOC, 1952).

Da mesma forma, Persitz considera que a produção brasileira já é bastante ampla e que alcançou a maturidade, apesar da juventude do país e dos arquitetos: “O

movimento moderno brasileiro se impõe hoje com amplitude e se manifesta com uma maturidade que encanta em relação à sua juventude” (PERSITZ, 1947). Continuando saúda e augura perspectivas de continuidade para a arquitetura brasileira:

“Desejamos que os arquitetos brasileiros tenham a possibilidade de continuar essa obra cheia de promessas que começaram. Desejamos também que o exemplo desse frescor de espírito, de empreendedora juventude que se opõe à mortal rotina de tantos países se imponha e ajude a compreender que a verdadeira tradição em arquitetura é a dos construtores de catedrais brancas” (PERSITZ, 1947).

Os augúrios de Persitz revelam a já comentada admiração da revista pela produção brasileira, principalmente aquela que segue a trilha aberta pelo mestre francês, insinuando um caminho futuro fecundo e, certamente, lecorbusierano.

A convivência com a tradição

A tradição construtiva portuguesa na origem do desenvolvimento da arquitetura moderna no Brasil é uma das características mais festejadas nas revistas, que se firmarão nas construções históricas. Apoiada na construção de Costa e alimentada por Goodwin e Mindlin, essa arquitetura terá um papel importante na diversidade pretendida por essas revistas comprometidas com a difusão do movimento moderno que, após a guerra, começa a ser contestado.

Significativamente, *L'Architecture d'Aujourd'hui*, de agosto de 1952, em uma reportagem sobre uma exposição de arquitetura brasileira no Museu de Arte Moderna de Rio de Janeiro, elogia a “vitalidade e coragem, independência, liberdade e ausência de preconceitos” dessa arquitetura de jovens arquitetos, que não renegam as tradições, *“não cortam duramente as amarras, desfazem os nós e se liberam dos laços com uma gentileza típica dos brasileiros”*. O tom da revista é de surpresa e admiração em relação a essa arquitetura que convive bem com a tradição e, ao mesmo tempo, se caracteriza pela liberdade formal e reafirma sua fidelidade ao Movimento Moderno, ou seja, um caminho que a revista francesa desejava ver seguido na França.

Na *Review*, o fotógrafo Kidder-Smith (1944), seguindo Goodwin, entendia que a adaptação da tradição construtiva portuguesa aos costumes e ao clima da colônia lhe havia dado especificidade. Já Sitwell focava seu texto na habilidade da arquitetura brasileira em fazer conviver lado a lado o antigo e o novo e chamava a atenção para a

harmonia do edifício com o entorno e a unidade do conjunto. Ou seja, estava interessado em como o Brasil resolvia a questão que se colocava para os arquitetos ingleses naquele momento “*O moderno é tão brasileiro como o antigo. Juntos ou separados, é algo inovador e inusitado para; a maioria dos ingleses*” (Sitwell, 1944). Essa *contribuição brasileira* indicava um caminho mais ameno e menos radical, coerente com a revista, de afirmação da arquitetura moderna.



Figura 02 – Imagens que ilustram a admiração das revistas pela convivência harmônica entre o moderno e o antigo: Associação Brasileira de Imprensa/Biblioteca Nacional e Caixa d’água/Igreja da Sé de Olinda na *Review* 567 de março de 1944 e Ministério da Educação/Igreja de Santa Luzia na *L’Architecture d’Aujourd’hui* 13/14 de setembro de 1947

A *Forum* de 1947, na mesma linha, mas com um tom diferente, entendia que essa arquitetura resistia às influências estrangeiras ao mesmo tempo que buscava repropô-la com referências ancoradas na cultura nativa. No entanto, assinalava como mais importante o fato de ser uma obra inteligível porque não haviam “*cometido o equívoco de dar as costas à arquitetura internacional*”, comentário que, de certa forma, já havia sido feito por Biden (1950) na *Review* e pelo próprio Niemeyer (1947) em *L’Architecture d’Aujourd’hui*.

A questão do formalismo

Os riscos do formalismo costumam aparecer na maioria das revistas. Tanto Pevsner (*Review*), Bloc (*Aujourd’hui*), como De Carlo (*Casabella*) alertavam sobre o perigo da *busca incessante da novidade*. Porém, enquanto De Carlo declarava o formalismo sucessor do academicismo – “*um inimigo sutil que se abriga dentro da arquitetura*” – e Pevsner (1947) assinalava o possível retorno de um novo academicismo,

Bloc, embora não aprovasse “*a novidade ou a excentricidade a qualquer preço*” e se preocupasse em “*disciplinar as audácias*”, via com entusiasmo o triunfo de “*uma grande preocupação pela estética*”.

Os debates mais importantes são os que terá Rogers com Bill e Gropius, na *Review*, e com o mesmo Bill, De Carlo e, indiretamente, com Giedion, na *Casabella*. Max Bill, diretor da Escola de Ulm, em uma entrevista concedida à revista brasileira *Hábitat* (1953) e, depois, em um artigo na *Review* (1954), defendendo os princípios racionalistas do ideário moderno, acusa a arquitetura brasileira, mais especificamente a de Niemeyer, de abusar da liberdade formal e não ter responsabilidade social, preferindo “*ser fotogênica e espetacular que atender as necessidades funcionais*”.

Menos radical que Bill, Gropius, na mesma revista, entende que suas críticas não têm fundamento, porque não consideram as diferenças sociais. Embora critique as ações políticas sobre a cidade, Gropius considera que há um avanço na construção de habitações coletivas e no uso do *brise-soleil*, que transforma a experiência brasileira em um movimento vigoroso que desenvolveu uma postura própria em relação à arquitetura moderna. Sobre Niemeyer especificamente, embora de forma mordaz lhe chame de *paradiesvogel*, Gropius considera seus edifícios “*interessantes e refrescantes em concepção, mas descuidados na construção*”.

Rogers, que esteve na Argentina e no Brasil, o terceiro personagem do debate da *Review*, apesar de suas duras críticas à arquitetura brasileira, assinala o “*fracasso da crítica frente à súbita importância de construções e novidades arrogantes na aparência*”. Para ele, Giedion viu um novo tipo de liberdade nessa produção, mas fracassou em perceber quando “*degenerava em licença e capricho*”, enquanto Bill foi incapaz de apreciar uma arte distinta da sua. Critica, ao mesmo tempo, a visão excessivamente otimista de um e a opinião carregada de preconceitos do outro, defendendo uma crítica que levasse em consideração o contexto, o tempo e o lugar.

Esse debate se repetirá na revista *Casabella*, onde um artigo de Rogers, similar ao publicado pela *Review*, reafirmando suas posições, é contestado por Max Bill, que mantém sua posição e afirma ter sido vítima da má fé de *jovens arquitetos* que desfiguraram seu pensamento, publicando um texto que provocou a ira de Costa. Paralelamente ataca Giedion, afirmando que “*sua tarefa não é adular*”.

Aqui fica clara a divergência entre Bill, cujo objetivo é preservar mais ou menos intactos os princípios que orientaram os primeiros modernos, e Giedion, que busca

novas formas de expressão fiéis a esses princípios para garantir uma sobrevivência ao movimento. Rogers (1954), por sua vez, critica os dois e assume a defesa da arquitetura vinculada ao lugar, que corresponde à preocupação dos italianos e à posição da *Casabella* nesse momento. Por isso, cita o testemunho elogioso de Aalto sobre a produção brasileira e comenta que apesar dessa admiração Aalto não cometeria “a *imprudência de transplantar a flor tropical de Niemeyer à Finlândia, nos confins do círculo polar*”.

Arquitetura e lugar

Este comentário remete a outra questão importante debatida pelas revistas: vínculo com o lugar, tema que aparece quase sempre indiretamente vinculado a outros debates, como por exemplo, o formalismo ou a tradição. O mais evidente para todos os articulistas é a influência das condições físicas, repetida uma e outra vez por Persitz, Kidder-Smith, Rogers e Woodward-Smith. Por um lado, aparecem como argumentos a consciência da especificidade da cultura brasileira e o vínculo com a tradição histórica; por outro, entende-se que as transformações sobrevindas da industrialização haviam gerado uma estrutura socioeconômica desigual que permitia e incentivava uma arquitetura cara e sem limites técnicos. Essa característica em particular, se para Bill (1954) desembocaria em uma arquitetura sem limites e sem sentido de responsabilidade, para Biden (1950) se revelaria como uma contribuição importante, que aponta um caminho alternativo ao desenvolvimento das idéias modernas e permite uma continuidade ao racionalismo.

Das apreciações sobre o tema merece menção a de Rogers (1954), em *Casabella*, que aponta a especificidade formal dessa produção a sua identificação material com a natureza, com os *motivos orgiásticos* oferecidos pela diversidade paisagista e climática desse país de dimensões continentais. Comentando a Casa de Canoas de Niemeyer, encontra nessa arquitetura aberta, mais que a relação entre interior e exterior, uma empatia com o lugar.



Figura 03 – Casa de Canoas ilustrando matéria de Ernesto Rogers na Casabella 200, de fevereiro de 1954, que traz essa residência na capa.

O outro argumento é o de Woodward-Smith (1947), na *Forum*, que confessa certa incapacidade de entender esse país tão pleno de contradições e se pergunta como pode um país subdesenvolvido como o Brasil produzir “*uma arquitetura tão vibrante e moderna*”. A explicação que encontra se sustenta noutra contradição: uma arquitetura que, de certa forma, nega seu passado colonial e deseja ser moderna, ao mesmo tempo que a repropõe apoiada “*na cultura nativa, no povo, no clima e nas próprias tradições brasileiras*”. Esse duplo vínculo com o movimento internacional e o lugar, tão louvado por Woodward-Smith, é em essência o mesmo caminho alternativo sublinhado por Biden na *Review*.

Mecanismos de controle climático

Os mecanismos de controle solar e lumínico amplamente estudados e utilizados na construção dessa arquitetura que muito cedo ganhou características próprias e específicas aparecem enlaçados a duas questões anteriores: a tradição e o lugar. Esses mecanismos, que se baseiam fundamentalmente nos *brise-soleil*, nos *pilotis* e na estrutura independente, vão colaborar na definição de uma arquitetura muito específica, caracterizada como aberta, leve, simples e livre, estreitamente vinculada à integração das artes e ao desenvolvimento das propriedades plásticas do concreto. *L’Aujourd’hui* trata do tema como território lecorbusierano, onde sobressai a invenção brasileira. Calsat (1945), Persitz (1947) e o próprio Le Corbusier (1947) confirmam edifícios brasileiros como exemplos privilegiados na utilização e apropriação do *brise-soleil* moderno

proposto pelo mestre francês. Persitz inclusive sublinha as soluções técnicas e plásticas – onde esses artefatos estão perfeitamente integrados – que muitas vezes são sugeridas pelo uso desses mesmos aparatos.



Figura 04 – Ilustração do artigo de Calsat sobre *brise-soleil* na L'Architecture d'Aujourd'hui 03 de setembro de 1945: Associação Brasileira de Imprensa, Edifício de apartamentos em Argel e Ministério da Educação

Na *Review*, as opiniões são mais diversificadas: Kidder-Smith, Gropius, Sitwell e Biden afirmam o avanço brasileiro no uso desses recursos e admiram a forma integrada como os brasileiros utilizam o *brise-soleil*, gerando soluções arquitetônicas muito interessantes. Sitwell comenta que o que parecia uma desvantagem – o clima excessivamente ensolarado e iluminado – se transforma, com as soluções arquitetônicas que integram o *brise-soleil*, em uma característica positiva da arquitetura brasileira.

Duas vezes são dissonantes a respeito do tema. West (1952) rompe a unanimidade e afirma que os dormitórios de Pondicherry de Raymond, na Índia, e não o Ministério da Educação, seria o primeiro exemplo de realização da proposta teórica de Le Corbusier, ao mesmo tempo que critica o resultado plástico dos exemplares brasileiros. Max Bill, por motivos diferentes, se alia a essa dissonância e considera que o uso brasileiro do *brise-soleil* e do *pilotis* é puramente decorativo e corre o risco de degenerar em mais um formalismo.

Biden, ao contrário, considera este artefato uma importante contribuição ao projeto. Não obstante, o mais interessante e perspicaz, é que Biden considera tanto o *brise-soleil* como o azulejo contribuições menores. Para ele, no momento em que a questão da função é entendida de forma restritiva, o importante é que, mais que a solução de um problema técnico sob um ponto de vista essencialmente funcional, os

brasileiros vislumbram um novo caminho e reinterpretem esteticamente os pressupostos da arquitetura moderna, oferecendo uma sobrevivência ao movimento. Biden revela assim, como já podia ser vislumbrado na análise de Giedion e de Woodward-Smith, o principal elemento para a compreensão do êxito da arquitetura moderna no panorama internacional e o interesse do CIAM na difusão dessa produção.

A ausência de planificação urbana

A ausência de medidas de planificação urbana é outra questão que vai ocupar grande parte das preocupações dos artigos das revistas. Além do *urbanismo rudimentar*, que não regulava o excesso de veículos e construções, causava intranqüilidade o excessivo poder dos proprietários de terras urbanas, cujos interesses inviabilizavam qualquer medida no sentido de disciplinar esse rápido crescimento das cidades brasileiras de grande porte. Principalmente a *Review* (Kidder-Smith e Marshall) e a *Aujourd'hui* (Bloc, Persitz e Giedion) tratam esse tema.

À afirmação de Giedion (1952) de que “*há algo de irracional no crescimento da arquitetura brasileira*”, somam-se outras, como a de Bloc, que identifica nessa falta de critérios para ordenar a atividade construtiva, a origem da deterioração urbana e reclama das autoridades; como a de Persitz (1947), que considera um paradoxo a escassez de *tentativas de planning* frente à *maturidade* da arquitetura brasileira; como a de Marshall (1950), que detecta “*desesperadas soluções de engenharia de tráfego*”; e a de Kidder-Smith, que pede ações tão firmes como as que possibilitaram a implantação da arquitetura moderna no país.

Marshall, embora demonstre preocupações com o uso da terra e com o desperdício urbano, ao contrário dos outros articulistas, enaltece as “*valiosas tentativas de desenvolver a cidade*”. As ações do SPHAN é o motivo de seus elogios; mais precisamente, a intervenção no Morro do Castelo – “*operação cirúrgica drástica feita em uma escala heróica*” – que, segundo ele, foi uma ação de grandes proporções, que terraplenou uma grande área da baía no centro da cidade, para construir um espaço moderno com edifícios importantes, como o Aeroporto Santos Dumont, o Ministério da Educação e a Associação Brasileira de Imprensa.

Marshall aplaude uma ação drástica como essa, que dificilmente seria proposta em seu país, e encontra nos bairros desenhados por Barry Park, em São Paulo, as exceções em relação à ausência de planificação das cidades brasileiras. Ou seja, os dois

exemplos de medidas urbanas assinaladas encontram-se em pólos opostos, um praticamente desconhecido e outro muito familiar para ele.

É Persitz, porém, o que melhor trata do tema com não mais que duas imagens. Uma exhibe uma praia no Rio de Janeiro onde os inumeráveis arranha-céus construídos muito perto uns dos outros, e muito altos, criam uma zona de sombra que chega até a areia molhada (com o sol ainda alto), afetando negativamente a paisagem. Intencionalmente ou não, a foto, mais que qualquer texto, é uma importante advertência sobre a inexistência de normas que disciplinem a construção e sobre o futuro das cidades. A outra revela o contexto em que se inserem edifícios brasileiros modernos importantes como os do Ministério da Educação e da Associação Brasileira de Imprensa: perdidos entre os velhos edifícios ecléticos dos outros ministérios. Essa foto dá a exata noção da amplitude da nova arquitetura no país.



Figura 05 – Ilustrações (fotos de Kidder-Smith) que acompanham o artigo de Persitz na L'Architecture d'Aujourd'hui 13/14 de setembro de 1947: a) a primeira mostra a sombra dos edifícios altos de Copacabana invadindo as ondas da praia; b) a segunda mostra os edifícios da Associação Brasileira de Imprensa e do Ministério de Educação e Saúde perdidos em meio a um mar de construções ecléticas.

Esses debates suscitados pela arquitetura moderna brasileira surgem a partir das críticas estrangeiras, formuladas nas revistas de amplitude internacional e condizionarão os manuais, onde se canoniza uma versão, ou variações em torno a uma versão, que elegem entre os debates iniciais os que mais se ajustam a seus projetos históricos.

Baseados na meta comum de garantir uma sobrevivência ao projeto moderno e nos objetivos específicos de cada uma das muitas revistas que circulavam na época consolidou-se boa parte dos ingredientes que constituem a versão hegemônica da arquitetura moderna brasileira de renome internacional. O conteúdo dessas revistas, como elementos pré-canônicos, vão gerar muitas outras versões dessa mesma história, mas será sempre um importante suporte documental do patrimônio moderno.

.....

Referências

1. **Architectural Forum nº 11**, special Brazil, nov 1947.
2. BIDEN, Alf. «Report on Brazil». **Architectural Review nº 646**, out 1950, p. 221/222.
3. BILL, Max Bill. «Lettere al direttore». **Casabella nº 201**, maio 1954, pp. II.
4. BILL, Max. «Max Bill, o inteligente iconoclasta». **Habitat nº 12**, julho 1953, pp 34-35
5. BILL, Max. «Report on Brazil» **Architectural Review nº 694**, out 1954, pp. 234/250.
6. BLOC, André. «Amerique Latine». **L'Architecture d'Aujourd'hui nº 10**, mar 1947.
7. BLOC, André. «Ayons Confiance dans l'architecture». **L'Architecture d'Aujourd'hui nº 42/43**, agosto 1952.
8. BLOC, Andre. «Éditorial». **L'Architecture d'Aujourd'hui nº 1**, nov/dez 1930, p. 3.
9. CALSAT, J.H. «Le brise-soleil». **L'Architecture d'Aujourd'hui nº 03**, set 1945.
10. **Casabella nº 200**, fev/mar 1954
11. DE CARLO, Giancarlo. «Formalismo continuità dell'academismo». **Casabella nº 199**, dez/jan 1954, pp. II.
12. GIEDION, Sigfried. «Le Brésil et L'architecture contemporaine». **L'Architecture d'Aujourd'hui nº 42/43**, agosto 1952.
13. GROPIUS, Walter. «Report on Brazil» **Architectural Review nº 694**, out 1954, pp. 234/250.
14. KIDDER-SMITH, G. E. «The architects and the modern scene». **Architectural Review nº 567**, mar 1944, pp. 78-84.
15. LARA, Fernando. **El cemento feroz**. Palestra proferida no PPGAU/UFPB. João Pessoa, 2010
16. **L'Architecture d'Aujourd'hui nº 13/14**, spécial Brésil, set 1947
17. **L'Architecture d'Aujourd'hui nº 42/43**, spécial Brésil, agosto 1952.
18. LE CORBUSIER. «Breve histoire du brise-soleil». **L'Architecture d'Aujourd'hui nº 13/14**, set 1947.
19. MARSHALL, P. J. «South America scrapbook». **Architectural Review nº 638**, fev 1950, pp. 123-130.
20. Niemeyer. «Ce qui manque a notre architecture». **L'Architecture d'Aujourd'hui nº 13/14**, set 1947.
21. PERSITZ, Alexandre. «L'Architecture au Brésil». **L'Architecture d'Aujourd'hui nº 13/14**, set 1947.
22. PEVSNER, Nikolaus y otros. «The second half century». **Architectural Review nº 601**, jan 1947.
23. Reportagem. «Une exposition d'architecture au MAM/RJ». **L'Architecture d'Aujourd'hui nº 42/43**, agosto 1952.
24. ROGERS, Ernesto. «Polemica per una polemica». **Casabella nº 201**, maio/jun 1954.

25. ROGERS, Ernesto. «*Pretesti per una critica non formalista*». **Casabella nº 200**, fev/mar 1954, pp.1-3.
26. ROGERS, Ernesto. «Report on Brazil». **Architectural Review nº 694**, out 1954.
27. SITWELL, Sacheverell. «The brazilian style». **Architectural Review nº 567**, mar 1944, pp. 65-68.
28. WEST, H.P.H. «Sun Control». **Architectural Review nº 661**, jan 1952, pp. 17-22.
29. WOODWARD, Chloethlel. «The United States of Brasil». **Architectural Forum nº 11**, nov 1947, pp 65-68.

Nelci Tinem

Possui graduação em Arquitetura e Urbanismo (UnB, 1975), aperfeiçoamento em Planejamento Habitacional (GDF, 1976), especialização em Conforto Ambiental (UFPB, 1979), mestrado em Planejamento Urbano e Regional (PROPUR/UFRGS, 1982) e doutorado em Historia da Arquitetura Historia Urbana (UPC/ETSAB, 1996). Sua tese de doutorado sobre historiografia da arquitetura moderna no Brasil foi publicada em 2002: *O Alvo do Olhar Estrangeiro* (João Pessoa, UFPB). Em 2006, publicou *Marcos, Fronteiras e Sinais* (João Pessoa, UFPB) e em 2010, *Pequena Mostra de Arquitetura Moderna* (João Pessoa, UFPB), (João Pessoa, UFPB). Atualmente é professora associada III e vice-coordenadora do PPGAU da UFPB, colaboradora no PPGAU/UFRN e está concluindo uma pesquisa sobre Arquitetura Moderna na Paraíba em um Estágio Pos-Doutoral no PPG-AU/UFBA.